PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
S. R.
CENSURA
Título O Amor, o Dinheiro e a Morte
Registo 5995 em 5 / 1 / 960
Censurado 2 / 2 / 960
Ribeiro

S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

**INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS**

# LICENÇA DE REPRESENTAÇÃO

A Empresa Francisco Ribeiro

COM SEDE EM Lisboa

FICA AUTORIZADA A FAZER REPRESENTAR NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS A SEGUINTE PEÇA TEATRAL:

TÍTULO "O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE"

GÊNERO

ORIGINAL Olavo D'Eça Leal

ACTOS Tres QUADROS

TRADUTOR

ADAPTADOR

QUE FOI REGISTADA NA INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS SOB O N.º 5.995 E CLASSIFICADA PELA COMISSÃO DE EXAME E CLASSIFICAÇÃO DOS ESPECTÁCULOS COMO

## ESPECTÁCULO PARA ADULTOS
**(maiores de 17 anos)**

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS, 3 DE Fev. DE 1960

O INSPECTOR DOS ESPECTÁCULOS

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
S. R.
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS
CENSURA
Título O Amor, o Dinheiro e a Morte
Registo 5995 em 5 / 1 / 960
Censurado 2 / 2 / 960
para Emp. Fernando Ribeiro
Decisão Aprovada

# O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

Peça em três actos de OLAVO D'EÇA LEAL

Tem ... peças que foram aprovadas pela Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos com cortes ... 3 / 2 / 960
O FUNCIONÁRIO

136

com os ind. a folhas 4-35-37-56-72-91-92-95 e 117 - 112 e 115 -

TEATRO DA TRINDADE

( T. N. P. )

1959

MUSEU NACIONAL DO TEATRO
Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

# PRIMEIRO ACTO

Cenário único:

Recanto de jardim público. À esquerda, uma grade com portão para a rua. Ao meio, um banco de ferro pintado de branco, dos que habitualmente se encontram nos jardins antigos. Atrás do banco, uma árvore frondosa e de grosso tronco onde se vêm gravadas palavras de amor e corações trespassados por setas.

No 1º. plano, à boca de cena, sobre pequenos pedestais, duas estátuas. A da esquerda representa uma adolescente vestida com uma túnica de estilo grego. A outra estátua representa um homem aparentando trinta anos, coberto por comprida e ampla capa. No pedestal da adolescente lê-se a palavra PUREZA. No pedestal da figura masculina lê-se a palavra MALVADO.

Luz coada pela folhagem e pelas grades. Seis horas da tarde.

O jardim e os seus adereços mostram os sinais do tempo e do abandono. A atmosfera de todo o local é de sabor acentuadamente romântico. Caídas no chão, há muitas folhas de sucessivos outonos. "Patine" em todas as coisas. Limos e heras trepam pelas estátuas. Canto intermitente de pássaros durante todo o acto e obrigatòriamente quando as rubricas o exigem.

Depois do pano subir há um momento de calma em toda a cena, calma apenas perturbada pelo pipilar dos pássaros que passa ao 2º. plano do som quando o Narrador entra pelo portão. O Narrador fala circulando no jardim.

NARRADOR

Felizmente, a Câmara Municipal não tem verba para tratar deste jardim. Ninguém varre as suas folhas mortas, ninguém rega as suas plantas, ninguém arranca as ervas más que se misturam às ervas boas. Afinal não há ervas boas ou más. Todas têm o seu lugar na Terra. Se Deus as fez, alguma razão tinha para as fazer. (olha em volta) Há um estranho encanto neste jardim... no seu ar de romântico abandono, de convidativo desleixo e isolamento de que certos namorados tanto gostam, porque as outras pessoas e os outros namorados preferem o Jardim da Estrela ou o Parque Eduardo VII, muito bem tratados e floridos e adubados, onde uma legião de funcionários espreita de dia e de noite para manter a disciplina severa dos regulamentos. (suspira) Os cidadãos normais adoram os regulamentos que é delicioso infringir. E vêm nas coisas públicas bem tratadas o reflexo palpável dos impostos e contribuições que pagam com a ameaça viril das execuções fiscais. Mas há realmente um género de pessoas... o meu género... que se dá melhor nestes lugares assim repassados de poesia e de suspenção no tempo. Milhares deles... (senta-se no banco) se senta

ram no único banco do jardinzinho desprezado, onde tudo nas_ce e cresce à vontade para morrer na devida altura e através da morte voltar a nascer e a crescer. (levanta-se e aproxima-se da estátua da PUREZA) A Pureza afronta o Malvado serenamente. Habituou-se à sua presença. O mesmo acontece ao Malvado. No fundo, e a despeito de recíprocos insultos e ciladas, a Pureza sempre se deu bem com o Malvado e vice-versa, desde o princípio do Mundo. (Dá alguns passos em cena na direcção do Malvado e pára de repente, voltando-lhe as costas. Dirige-se ao público): Não lhes direi onde fica o meu jardim... É o meu conforto dos dias maus e o descanso dos meus dias bons. Não quero vê-lo inundado de curiosos e profanos. Para aqui venho quando posso, sózinho, enfim, ~~só~~, pensar em coisas que não são precisas às conveniências dos outros. Leio alguns bocados de livros que já li quando era rapazola; corrijo com teimosia os versos que escrevi na minha distante adolescencia; fumo cigarros... e tudo isto é deliciosamente inútil. (Pousa os seus livros e papéis sobre o banco e acende vagarosamente um cigarro) Além de mim, poucas pessoas entram no jardinzinho público. Um que nunca falta é o guarda José. Esse não precisa de entrar porque já cá está. Mora no jardim. Somos amigos. Homem feliz... Vive entre flores e cantos de pássaros. O seu único trabalho consiste em abrir o portão de manhã e fechá-lo ao cair da noite. Não rega os canteiros e não varre as folhas. Não são coisas da sua obrigação e ele não gosta de meter o nariz no trabalho dos outros funcionários. Simplesmente, os outros funcionários não existem porque não

há verba. (Senta-se no banco e sopra uma baforada de fumo para o ar) Como ia dizendo, o meu jardim tem poucos frequentadores e quem me dera que tivesse ainda menos. Um deles, ou melhor, uma delas, vem cá por minha causa desde que, há vinte anos, lhe marquei encontro neste banco pela primeira vez. Foi nessa altura que comecei a frequentar o jardim. E comecei a frequentá-lo por causa dela, para me encontrar com ela a sós, sem nenhum perigo de sermos surpreendidos. Sim... Ela é comprometida e eu também. E, ao passo que o tempo foi passando, senti-me cada vez mais comprometido, sucessivamente mais comprometido cada vez que a encontrava. Porquê? Pela razão inversa daquela que me trouxe cá ao princípio para me encontrar a sós com ela. (Levanta-se e passeia de um lado para o outro, de mãos atrás das costas, entre impaciente e meditativo) As mulheres são terríveis!... Terríveis!... Terríveis!... Têm ideias fixas. E são todas iguais umas às outras, por mais que tentem mudar de aspecto e mudar de caminho e mudar de homem. A gente levanta-lhes a máscara e as saias, e observa que são iguais àquela que veio antes e indiscutìvelmente iguais às que vierem depois. E os atalhos por onde cada uma delas se mete vão sempre dar ao ponto de partida. (Suspira). Há vinte anos!... Vinte anos!... Servi-me de todos os sistemas usados nestas circunstâncias para me ver livre dela... E nada. Inventei ou julguei inventar sistemas inéditos para despachar a criatura... e nada!... É impossível um homem livrar-se de uma fêmea que não tem nenhuma vontade de se livrar dele. (Ligeira pausa). Chama-se Laura... (Nova pausa. Senta-se no banco e abre um livro. Folheia rápidamente algu_

mas páginas sem as ler. Pousa o livro. Fixa o público) Chama-se Laura e tem a minha idade certa: cinquenta anos. Quando as mulheres amam ainda aos cinquenta anos, é doloroso, tremendo, fatal, trágico, mortal!... Pior ainda é o que me acontece: ser amado aos cinquenta anos por uma senhora de cinquenta anos!... É doloroso, tremendo, trágico, fatal, mortal! Chama-se Laura!... Há vinte anos que está convencida de ser ela a musa inspiradora da minha pena de escritor... (Ligeira pausa). É uma pena! Faz-me tanta pena!... Mesmo assim, correndo o perigo iminente de a encontrar, este jardim é o meu refúgio dos dias bons e dos dias maus. (Olha implorativo para o céu) Ó morte!... Porque não levas a Laura para o cemitério dos Prazeres onde ela tem um lindo jazigo de família? (Suspira) Ráios a partam! (Ouve-se de repente o ruído de um trovão, ao mesmo tempo que Laura surge à entrada do jardim iluminada por um relâmpago) Falem no diabo! (Levanta-se e oferece o banco a Laura. Fala com voz cínica e trocista) Senta-te aqui, Laurinha, aqui. (Laura entra e senta-se. Fala com os olhos fixos num ponto vago na sua frente)

LAURA

Cada vez te mostras mais aborrecido quando me vês.

NARRADOR

Dizes bem. Cada vez mais aborrecido!

LAURA

Já não gostas de mim?

NARRADOR

(Sentando-se no pedestal da estátua da Pureza) Já não. Isto

é para te falar com toda a franqueza. Já não te posso ver, nem em sonhos! (Folheia um livro e finge interessar-se por ele, enquanto um homem vestido de negro, vindo do portão, atravessa a cena lendo o jornal).

LAURA

Pois eu gosto mais de ti agora do que dantes. Estou resolvi_ da a divorciar-me para casar contigo.

NARRADOR

(sem tirar os olhos do livro) Que disparate!

LAURA

Estou firmemente decidida.

NARRADOR

Sou um homem casado. Não posso casar-me contigo nem com nin_ guém.

LAURA

Tambem eu sou casada. (Tira da mala um papel azul dobrado e entrega-o ao Narrador) Está aqui a cópia do meu pedido de di_ vórcio.

NARRADOR

(pega no papel por uma ponta) Divórcio?... A que pretexto?

LAURA

Abandono do lar.

NARRADOR

Ah!... O teu marido abandonou o lar, finalmente?

LAURA

Não!... Sou eu que o vou abandonar.

NARRADOR

Não abandones!

LAURA

Abandono!

NARRADOR

Se o abandonasses há vinte anos seria uma aventura maravilhosa!... Hoje, se o abandonares, é uma aventura repugnante! Estamos velhos, Laura.

LAURA

O meu amor está mais vivo do que há vinte anos!

NARRADOR

De acordo, mas nós, o teu marido e a minha pobre mulher, estamos todos mais mortos do que há vinte anos!... Entre nós, as loucuras de amor, já não vêm a propósito. Vai-te embora, Laura... Ando a trabalhar numa obra de teatro. Preciso de reflectir, de arrumar ideias. No meu coração só há lugar para a Glória!

LAURA

(excitada) E que tem ela a mais do que eu? Onde conheceste essa mulher?

NARRADOR

Ainda não a conheço mas ando a fazer o possível.

LAURA

Cínico! Patife!

NARRADOR

Calma! És uma pobre idiota. A Glória a que me refiro não é mulher... não é sequer um objecto. Não é nada e é tudo. É a Glória, a Fama, a Imortalidade!

LAURA

(levantando-se, furiosa) Adeus!... Nunca mais volto. (sai)

NARRADOR

Ah!... Se isso fosse verdade!... Até amanhã, Laura! (Sózinho em cena) E daí, talvez me fizesse falta a presença absurda de Laura... A gente habitua-se a tudo, até mesmo ao tédio, às dores de dentes, ao ódio! (Entra o guarda José fazendo tilintar as chaves do portão)

JOSÉ

Ora então muito boa tarde, sr. doutor!

NARRADOR

Boa tarde, sr. José!

JOSÉ

O sr. doutor tem aparecido menos no jardim.

NARRADOR

Muito em que pensar, muito que escrever... Só a maçada de assinar o ponto no emprego, todas as manhãs!... Olhe: por minha vontade passava aqui os dias, e até as noites, se me deixassem, e se a D. Laura aparecesse menos.

JOSÉ

A D. Laura insiste em lhe aparecer?

NARRADOR

Insiste, insiste, insiste!

JOSÉ

Com o devido respeito, a D. Laura chegou à idade de ter juizo!

NARRADOR

Pode dizê-lo, mesmo sem o devido respeito. Há quem diga que o amor não tem idade. Eu digo que tem. A partir de certa altura não é amor, é vício. (Suspira). Não me deixam envelhecer sere

namente, sr. José. Não me deixam sossegado, por mais que eu faça...

JOSÉ

O sr. doutor não quere trocar a sua situação pela minha?

NARRADOR

Se eu pudesse, trocava-a.

JOSÉ

Fazia mau negócio, um péssimo negócio.

NARRADOR

Talvez não. Vai um cigarrinho?

JOSÉ

Aceito. Obrigado. (O Narrador oferece um cigarro ao José e acende-o, acendendo tambem o seu)

NARRADOR

Pouca gente como de costume.

JOSÉ

Fregueses certos, só o sr. doutor de vez em quando, a D. Laura...

NARRADOR

Infelizmente...

JOSÉ

E também a menina Dulce e o rapaz.

NARRADOR

Antes assim.

JOSÉ

O sr. doutor tem feito muitos versos?

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

NARRADOR

Ora, os versos!... Parece muito fácil fazer versos. Todos os escritores começam por aí. Depois a gente vai entrando na dificuldade da prosa e vê então a que ponto os versos são difíceis. Por isso os meus versos são sempre os mesmos, sr. José, de há uns bons trinta anos a esta parte. Não consigo aperfeiçoá-los o bastante para me valer a pena fazer outros. Agora, estou entretido com um trabalho de literatura que nunca experimentei.

JOSÉ

Algum romancezinho de apaixonados?

NARRADOR

Acha-me com cara de escrever uma coisa dessas?

JOSÉ

Quem vê caras!

NARRADOR

Ando a escrever umas cenas de Teatro passadas aqui no seu jardim.

JOSÉ

Ah, ah!... Aqui?

NARRADOR

E preciso da sua ajuda. Diga-me dá: A menina Dulce e o rapaz amam-se muito?... Quero dizer: gostam muito um do outro? Conhece-os melhor do que eu. Encontra-os todos os dias.

JOSÉ

Há mais de um ano que são certos cá no jardim, todos os dias, como diz e muito bem. Se gostam um do outro, pergunta o sr. doutor?

NARRADOR

Sim... Que lhe parece?

JOSÉ

Eu, parece-me que sim. Se não gostassem, não se encontravam todos os dias a horas certas, não acha?

NARRADOR

Às vezes, é mais um hábito do que outra coisa, Ora veja lá a D. Laura, por exemplo!

JOSÉ

Lá isso é verdade!

NARRADOR

Pois ando a escrever uma história inspirada nesse casal, neste jardim... (aponta as estátuas) Naquelas estátuas... (aponta a árvore) Naquela árvore... (aponta o banco) Neste banco... (aponta o guarda) E em si tambem...

JOSÉ

Oh, sr. doutor... É muita honra para tão pobre homem!... E a sua obra destina-se ao Teatro?

NARRADOR

Sei lá!... Os empresários só querem peças que dêm muita vontade de rir ou muita vontade de chorar. E eu não sei se o meu Teatro faz rir ou chorar, ou se não faz nem uma coisa nem outra.

JOSÉ

E se o seu Teatro não fizer rir nem chorar?

NARRADOR

É uma tragédia!... Bem... O sr. José quere que lhe conte a mi

nha peça? (Põe o braço no ombro do guarda e dirige-se para o lado contrário ao portão. Dá dois passos e pára) Não sei se sabe que só há três assuntos capazes de interessar verdadeiramente os leitores ou os espectadores. Não sabia?

JOSÉ

É boa! Só três? Não sabia.

NARRADOR

Só três. O resto são variações sobre os mesmos temas: o Amor, o Dinheiro e a Morte. Livro ou peça em que não se discutam estas três coisas, directa ou indirectamente, é obra falhada. E não lhe falo do ódio porque o ódio é um subproduto do Amor.

JOSÉ

Ora veja lá o sr. doutor como são as coisas! O Amor, o Dinheiro e a Morte!

NARRADOR

No Romeu e Julieta, o sr. José encontra esses três elementos com imensa fartura. De modo que, de há quatro séculos a esta parte, todos deliram com a peça. O sr. José já leu ou viu o Romeu e Julieta?

JOSÉ

Não, sr. doutor. Não vi nem li.

NARRADOR

Pois não imagina a quantidade enorme de Amor que há nessa peça! E mortes? É terrível!!!... E tambem por causa do dinheiro querem obrigar a Julieta a casar com o jovem Páris, um capitalista muito simpático que anda para ali vendido a ver se compra a Julieta.

(Uma criadinha gentil atravessa a cena empurrando um carri_ nho de criança. Chocalha uma roca. Vem do portão e sai pela direita).

JOSÉ

É boa! É boa!

NARRADOR

Lembrei-me então de escrever uma obrasita de Teatro, coisa modesta, já se vê, que ao pé do Romeu e Julieta não vale na_ da, e provavelmente não verá nunca a luz da ribalta. Ficará na gaveta.

JOSÉ

Onde, sr. doutor?

NARRADOR

Na gaveta. quero dizer, na minha, que nunca será representa_ da.

JOSÉ

Os Teatros não a vão querer?

NARRADOR

Penso que não. O sr. José tem realmente paciência para ouvir a história que eu inventei depois de ter sido inventada?

JOSÉ

Inventada por quem?

NARRADOR

Por toda a gente e ninguém. Nada existe de novo à face da Ter_ ra a não ser a Poesia que é eternamente nova para cada qual! ... A propósito: o sr. José tem o espírito aberto à Poesia... Deve ser influência do sítio em que viveu sempre: este román_ tico jardim!